

Pedagogia Hospitalar: a relevância da atuação do pedagogo

Alanne Cruz Sousa¹

Damares Araujo Teles²

Maria Perpétua do Socorro Beserra Soares³

RESUMO

O presente artigo traz os resultados de uma pesquisa sobre a relevância da atuação do pedagogo por meio de práticas pedagógicas que auxiliem no desenvolvimento de crianças, que por motivos de tratamento de saúde se encontram hospitalizadas, e por isso não podem frequentar a escola regular. Entretanto, com a atuação do pedagogo no hospital esta situação muda e o jovem estudante passa novamente a ter acesso aos estudos. Por isso, o objetivo deste estudo foi refletir sobre como ocorre a prática do pedagogo como agente educador, reconhecendo de que forma esse trabalho tem colaborado no processo de ensino e aprendizagem de crianças em um hospital na cidade de Parnaíba-PI. Esta pesquisa está embasada nos seguintes teóricos: Cunha (2001), Covic (2011), Matos e Mugiatti (2011), entre outros. A metodologia utilizada para a realização da pesquisa é do tipo qualitativa e como procedimentos de coleta de dados utilizamos a observação, a entrevista e o questionário. Os sujeitos da pesquisa foram duas pedagogas que trabalham no hospital e que realizam importantes atividades, tanto na brinquedoteca quanto nos leitos. Os resultados do estudo revelam que as práticas pedagógicas desenvolvidas pelas pedagogas ultrapassam os muros da escola e contribuem na educação de crianças e jovens hospitalizados, colaborando com a autoestima dessas crianças, bem como possibilitando que elas retornem aos estudos de uma maneira diferenciada, que as estimula à aprendizagem.

Palavras-Chave: Pedagogia Hospitalar. Pedagogo. Prática Pedagógica.

1 Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Professora da rede municipal de ensino na cidade de Parnaíba-PI. E-mail: alannesousacruz@gmail.com.

2 Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí/UFPI.. E-mail: damares.teless@gmail.com

3 Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP . Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí/UFPI. Professora Adjunta da Universidade Federal do Piauí (UFPI)... E-mail: socorrob@ufpi.edu.br

Hospital Pedagogy: the relevance of the pedagogue's performance

ABSTRACT

This article presents the results of a research on the relevance of the pedagogue's performance through pedagogical practices that help the development of children who are hospitalized for health treatment and therefore cannot attend regular school. However, with the performance of the pedagogue in the hospital this situation changes and the young student again has access to the studies. Therefore, the objective of this study was to reflect on how the practice of the educator occurs as an educating agent, recognizing how this work has collaborated in the teaching and learning process of children in a hospital in the city of Parnaíba-PI. This research is based on the following theorists: Cunha (2001), Covic (2011), Matos and Mugiatti (2011), among others. The methodology used to conduct the research is of the qualitative type, and as data collection procedures we used the participant observation, the interview and the questionnaire. The subjects of the research were two pedagogues who work in the hospital and who carry out important activities, both in the toy library and in the beds. The results of the study reveal that the pedagogical practices developed by the pedagogues go beyond the walls of the school and contribute to the education of children and young people hospitalized, collaborating with the children's self-esteem, as well as allowing them to return to their studies in a different way. Stimulates learning.

Keywords: Hospital Pedagogy. Pedagogue. Pedagogical Practice.

La pedagogía hospitalaria: la relevancia de la obra del pedagogo

RESUMEN

Este artículo presenta los resultados de una encuesta sobre la relevancia de la actuación del profesor a través de prácticas pedagógicas que ayudan en el desarrollo de los niños por razones de cuidado de la salud son hospitalizados, y por lo tanto no pueden asistir a la escuela regular. Sin embargo, con el papel del profesor en el hospital esta situación cambia y el joven estudiante pasa de nuevo para tener acceso a los estudios. Por tanto, el objetivo de este estudio fue reflexionar sobre cómo funciona la práctica del profesor como agente educador, reconociendo que este trabajo ha colaborado en la enseñanza y el aprendizaje de los niños en

un hospital de la ciudad de Parnaíba-PI. Esta investigación se basa en la siguiente teórico: Cunha (2001), Covic (2011), Matos y Mugiatti (2011), entre otros. La metodología utilizada para la investigación es del tipo cualitativo, y cómo los procedimientos de recopilación de datos utilizan la observación participante, entrevistas y cuestionarios. Los sujetos fueron dos pedagogos que trabajan en el hospital y llevar a cabo actividades importantes tanto en el juguete como en camas. Los resultados del estudio muestran que las prácticas pedagógicas desarrolladas por pedagogos, más allá de las paredes de la escuela y contribuyen a la educación de los niños hospitalizados y los jóvenes, colaborando con la autoestima de estos niños, así, lo que les permite regresar a sus estudios de una manera diferente que estimula el aprendizaje.

Palabras Clave: Hospital de la pedagogía. Pedagogo. La práctica docente.

Introdução

Sabemos que a educação não ocorre apenas na escola convencional, pois o processo educativo é amplo, por isso pode acontecer em diferentes locais. Nesse sentido, o ambiente hospitalar se constitui como um importante espaço onde a educação se desenvolve, especialmente para as crianças hospitalizadas, que tiveram os estudos interrompidos, bem como uma ruptura no convívio em sociedade. Assim, no hospital, podem ser desenvolvidas práticas pedagógicas que proporcionam o desenvolvimento dessas crianças em diferentes aspectos.

A Pedagogia Hospitalar surgiu há alguns anos como uma forma inovadora na área da educação, sendo um ramo direcionado basicamente à atuação nos hospitais, resgatando, dessa forma, novas maneiras de educar. Deste modo, leva-se até o espaço hospitalar um atendimento de escolarização humanizado, pois por muito tempo crianças e adolescentes que passavam por algum tipo de tratamento de saúde ficavam impossibilitadas de dar continuidade aos estudos por conta do momento de internação.

Nesse cenário, surge o pedagogo, que por meio de sua formação atua em diferentes campos educativos e o hospital é um desses exemplos, onde ele faz o acompanhamento pedagógico de crianças internadas com o intuito de acompanhar o desenvolvimento do processo de aprendizagem. Segundo Libâneo (2002), o pedagogo pode atuar em campos diferenciados, já que possui uma formação ampla, que abrange toda a diver-

cidade de práticas educativas presentes na sociedade. Por isso o trabalho pedagógico desenvolvido por este profissional é fundamental.

Sabe-se que a educação é fundamental na vida de todos, sendo promotora da transformação social e pessoal. É também um direito garantido constitucionalmente, mas infelizmente muitas crianças e adolescentes sofrem ainda com o peso de não poder estar na escola. Tal fato é prejudicial para a criança e representa a perda do seu direito de ter acesso à educação. Por esse motivo é tão importante investigar a relação entre saúde e educação e a pedagogia hospitalar, para entender como ocorre a atuação do pedagogo no ambiente hospitalar.

Ensinar no contexto hospitalar é totalmente possível. Cabe ao educador possibilitar ao aluno-paciente uma interação constante com o conhecimento que será orientado e articulado. Além disso, o pedagogo é responsável por propiciar meios para que o discente se envolva nesse processo, entendendo que é um grande colaborador indispensável para sua recuperação. Assim, constantemente nos questionamos sobre a relevância da atuação do pedagogo no ambiente hospitalar, surgindo daí algumas indagações: Quais práticas são desenvolvidas pelo pedagogo no ambiente hospitalar? Como se dá o planejamento das atividades? Quais as contribuições para a criança ou adolescente que são atendidos pelos pedagogos no hospital?

É importante destacar que a pedagogia hospitalar tem como pretensão acrescentar uma consciência humanizada, que se desenvolve durante o processo educativo no interior dos hospitais, buscando uma integração dos profissionais envolvidos com o doente, com um único objetivo: a melhoria da criança ou do adolescente hospitalizado. Por isso, a atuação do pedagogo hospitalar com os demais profissionais do hospital deve ser um trabalho em conjunto, discutindo as melhores propostas para a efetivação das atividades que serão realizadas com o aluno-paciente, estando cientes da importância de sua educação e, além disso, procurando motivá-lo, de modo que se sinta seguro e com disposição para prosseguir o tratamento e ao mesmo tempo estudar.

O pedagogo hospitalar deve ter a consciência de que a aprendizagem não é mais importante do que a saúde da criança ou adolescente, por isso em nenhum momento suas atividades podem interferir no processo de atendimento clínico. A partir disso, o pedagogo deve ter qualificação e capacitação para atuar de forma satisfatória, pois o atendimento pedagógico deve ser realizado de maneira planejada, em cada

etapa se desenvolvam atividades com objetivos pedagógicos e não apenas direcionados ao momento de distração, de modo que não se perca tempo com atividades desnecessárias. É importante que haja a troca de aprendizagem entre aluno e professor.

Pensando nesta perspectiva, o presente artigo traz os resultados de uma pesquisa sobre a relevância da atuação do pedagogo por meio de práticas pedagógicas que auxiliem no desenvolvimento de crianças que por motivos de tratamento de saúde se encontram hospitalizadas, e por isso não podem frequentar a escola regular. Entretanto, com a atuação do pedagogo no hospital esta situação muda e o jovem estudante passa novamente a ter acesso aos estudos. Por isso, o objetivo desta pesquisa foi investigar como ocorre a prática do pedagogo como agente educador, reconhecendo de que forma esse trabalho tem colaborado no processo de ensino e aprendizagem de crianças em um hospital na cidade de Parnaíba-PI. A fim de analisar este aspecto *in loco*, objetivamos responder a seguinte pergunta: quais práticas pedagógicas que são realizadas auxiliam na autoestima das crianças hospitalizadas, possibilitando o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem?

O interesse em investigar esta temática surgiu do reconhecimento da relevância da atuação dos pedagogos na educação de crianças e adolescentes que não podem frequentar a escola regular por motivos de saúde. Assim, o hospital constitui-se como um espaço que necessita de ações educativas, por isso é preciso observar as dificuldades que os profissionais da área da educação que atuam na saúde enfrentam para desenvolverem um trabalho estruturado, pois ainda faltam meios e recursos para que seja realizado com sucesso.

Com esta pesquisa pretende-se informar à sociedade acadêmica a importância de se conhecer outros ramos de atuação do pedagogo na educação, não restringindo seu trabalho à sala de aula convencional. Além desse aspecto, deve-se levar em consideração a grande contribuição da pesquisa para o enriquecimento pessoal e profissional, pois partindo da análise dos dados coletados, temos resultados concretos e positivos.

Pedagogia Hospitalar: os desafios das práticas pedagógicas desenvolvidas no hospital

A Pedagogia Hospitalar é uma modalidade da educação que surgiu das políticas públicas que visam oferecer educação às crianças

e adolescentes que por algum tipo de tratamento de saúde são impedidos de dar continuidade aos estudos na sala de aula regular. Nesse sentido, é importante destacar que a classe hospitalar tem seu início em 1935, quando Henri Sellier inaugura a primeira escola para crianças inadaptadas nos arredores de Paris. Seu exemplo foi seguido na Alemanha, em toda a França, na Europa e nos Estados Unidos, com o objetivo de suprir as dificuldades escolares de crianças tuberculosas, direcionando atenção e preocupação com as crianças hospitalizadas.

A Segunda Guerra Mundial foi um grande marco para a inclusão das primeiras escolas nos hospitais, pois muitas crianças e adolescentes foram mutilados e ficaram sem condições de frequentar as escolas, e acabaram se prejudicando na continuidade dos seus estudos. Contudo, foi com a ajuda religiosa que essas escolas criaram mais força e tiveram seu espaço conquistado por toda a América. Isso fez com que os médicos encontrassem uma forma de implantar as escolas nos hospitais.

No Brasil, a ideia da inclusão do ensino no espaço hospitalar teve seu surgimento no Hospital Municipal Jesus, no Rio de Janeiro, que desde 1950 atende crianças ou jovens (CAIADO, 2003, p.73). A partir daí, a ideia de atendimentos no nosso país tomou força dentro das instituições hospitalares, assim se pode notar que aos poucos as leis que regulamentam o trabalho da pedagogia hospitalar vão se reforçando e o direito à educação, independente do espaço, vem sendo atendido.

A legislação brasileira reconheceu o atendimento pedagógico às crianças hospitalizadas como um direito assegurado por meio do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), na Resolução nº 41 de Outubro de 1995, afirmando que todas as crianças têm o direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar. Assim, o ambiente hospitalar e o trabalho educacional no processo de humanização se fundamentam na interligação entre educação e saúde, promovendo uma relação de colaboração. É importante considerar, a partir disso, o esforço das instituições de saúde ao abrirem novo espaço para a atuação dos profissionais da educação para a realidade hospitalar, objetivando sempre o melhor auxílio ao paciente infantil em idade escolar.

Para Mattos e Mugiatti (2011) todas as crianças têm direito ao ensino escolar, mas para isso é necessário criar espaços de ensino nos hospitais pediátricos onde estejam hospitalizadas crianças e adolescen-

tes em idade de escolarização. Muitas vezes, dentro do hospital, o que podemos notar é que a experiência vivida durante o tempo de internação é bastante dolorosa, pois acaba sendo uma privação de saúde e de liberdade, o que pode causar um desequilíbrio emocional nas crianças e adolescentes hospitalizados. Essas crianças se sentem reprimidas pela rotina hospitalar. Os profissionais muitas vezes estão preocupados apenas com a recuperação e deixam de lado outras necessidades que também precisam ser observadas, que é o brincar e o agir como crianças. A intervenção pedagógica, neste sentido, é essencial, visto que possui o intuito de resgatar a alegria da criança e o desejo de aprender.

Devido ao distanciamento da sua vida social, a ausência de prática escolar da criança ou adolescente poderá culminar em posteriores dificuldades de aprendizagem. Como afirma Covic (2011, p.36) “os alunos e professores no contexto hospitalar, vivem situações-limite: ausência de amigos, rotina alterada, ocorrência de processos invasivos e a possibilidade repentina de morte”. Esses fatores contribuem de forma negativa para o processo de recuperação do paciente e seu retorno ao convívio social, entretanto, quando a criança se sente feliz, todo o seu processo de tratamento tende a ser melhor.

Mattos e Mugiatti (2011, p.73) citam que a adaptação do ambiente hospitalar para a escola e da escola para o ambiente hospitalar se constitui uma necessidade, bem como uma possibilidade emergente para a interação pedagógica em um ambiente diferenciado. Estas circunstâncias de adaptação devem ser minimizadas, uma vez que não se sabe por quanto tempo cada paciente infantil continuará com seu tratamento, podendo ser prolongado ou não. Neste caso, o retorno à escola depende de como transcorre o tratamento, e a hospitalização escolarizada possibilita uma superação dessa incompatibilidade no período de internação.

Denomina-se classe hospitalar o atendimento pedagógico-educacional que ocorre em ambientes de tratamento de saúde, seja na circunstância de internação, como tradicionalmente conhecida, seja na circunstância do atendimento em hospital-dia e hospital-semana ou em serviços de atenção integral à saúde mental (BRASIL, 2002, p.13).

Por isso, a função da classe hospitalar é o atendimento dessas crianças, pois o ambiente hospitalar provoca um afastamento da criança do seu cotidiano escolar. Esse tipo de classe proporciona hábitos de rotina e de socialização necessários para o desenvolvimento da criança,

minimizando as perdas causadas pelo período de internação e favorecendo a autoestima das crianças ou adolescentes hospitalizados. Assim, o papel do pedagogo se estende a muito mais do que explicar conteúdos, tirar dúvidas ou avaliar estudantes. Seu papel é garantir o direito à educação, momentos de aprendizagem de forma lúdica e um bom desempenho das atividades propostas, proporcionando assim o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem.

Evidentemente, ao desempenhar sua prática nos hospitais, o pedagogo encontrará algumas dificuldades advindas dos pacientes, como, por exemplo, dificuldade de locomoção, imobilização parcial ou total, indisposição da criança por conta da doença e, algumas vezes, a imposição de horários para a administração dos medicamentos. Por conta disso, os atendimentos podem ser realizados de duas maneiras. A primeira forma é na brinquedoteca, onde as crianças terão momentos de socialização com as demais, ou a segunda maneira, que é no próprio leito, pois quando a criança está impossibilitada de se locomover o pedagogo vai até o seu encontro para a realização das atividades.

Trabalhar junto a crianças e adolescentes hospitalizados é um desafio que implica descobrir estratégias diferenciadas e adaptáveis à realidade e de cada um, pois é complicado abordar e provocar neles interesse em aprender diante de uma situação tão difícil. Por isso, a função do pedagogo hospitalar não é apenas de manter as crianças ocupadas, mas estimulá-las por meio de seu conhecimento, interagindo com elas e proporcionando condições para a aprendizagem.

Independentemente das dificuldades encontradas, o professor deverá minimizar as tristezas, despertando nos alunos-pacientes sentimentos que possam melhorar a sua condição de vida. Por isso, esse tipo de atendimento escolar serve como o resgate da criança à escola. Dessa maneira, muitas crianças se sentem mais fortes e com mais vontade de retornar ao ambiente escolar. Por essa razão o ambiente hospitalar deve ser acolhedor, com estimulações visuais, brinquedos e jogos, as atividades precisam ser coordenadas de forma a oferecer a este paciente continuidade no seu processo de ensino-aprendizagem. As atividades pedagógicas lúdicas e recreativas como, por exemplo, contação de histórias, dramatizações, jogos, brincadeiras, desenhos e pinturas garantem a continuação dos estudos no hospital.

Por isso, destaca-se aqui a grande relevância que o ato de brincar tem na recuperação do aluno hospitalizado, pois brincando a criança

aprende a desenvolver suas potencialidades, cria laços de afetividade e, principalmente, aprende sem medo de errar, simplesmente por prazer. Assim, o pedagogo deve realizar seu trabalho baseado na confiança e na relação de afeto que ele cria com o seu aluno, em que se estabelece um vínculo que se torna importante no progresso do paciente.

As brinquedotecas nos hospitais ocupam um importante lugar no desenvolvimento das atividades pedagógicas propostas. E foi por meio da aprovação da Lei nº11.104/05 em 21 de março de 2005, no Congresso Nacional, que ficou determinada a obrigatoriedade da instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que oferecem atendimento pediátrico em regime de internação. A partir dessa lei, as brinquedotecas foram instaladas nos hospitais, o que promoveu uma mudança significativa no processo de desenvolvimento das atividades com as crianças.

A brinquedoteca é um espaço no hospital provido de brinquedos e jogos educativos, destinados a estimular as crianças e os adolescentes e seus acompanhantes a brincar no sentido mais amplo possível e conseguir sua recuperação com uma melhor qualidade de vida (VIEGAS, 2008, p.11). As atividades desenvolvidas nas brinquedotecas devem estar de acordo com o interesse do paciente infantil, sua idade e seus interesses. É brincando que a criança se desenvolve, exercitando suas potencialidades.

De acordo com Cunha (2001, p13), o desafio contido nas situações lúdicas provoca o pensamento e leva a criança a alcançar níveis de desempenho que só as ações por motivação intrínseca conseguem. Brincando, a criança aprende com toda a riqueza do aprender fazendo, espontaneamente, sem estresse, mas com prazer pela aquisição do conhecimento. A relação do brincar aqui exposta está diretamente ligada ao trabalho pedagógico no espaço hospitalar, pois a grande intenção dos atendimentos educacionais é colaborar da melhor maneira possível para uma aprendizagem prazerosa. Por isso, o pedagogo deverá proporcionar atividades educativas que chamem a atenção das crianças ou adolescentes hospitalizados, buscando no ato de brincar estratégias para a aprendizagem.

Metodologia

A pesquisa realizada caracteriza-se como qualitativa. Esse tipo de pesquisa responde a questões muito particulares, preocupando-se

com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças e valores. A abordagem qualitativa, ao contrário da quantitativa, aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas (MICHALISZIN; TOMASINI 2008, p.85).

Utilizamos como instrumentos de coleta de dados a observação, o questionário e a entrevista. A observação é um importante instrumento, pois possibilita ao pesquisador o contato com a realidade estudada. Deste modo, conforme Lakatos e Marconi (2006), ele terá como foco central a observação, não podendo interferir no meio estudado, de modo que não possua nenhum tipo de envolvimento participativo com as ações observadas.

O uso do questionário também é importante, pois permite que o pesquisador elabore algumas questões, a fim de adquirir respostas sobre determinada temática. O questionário constitui-se como:

Uma serie ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante. O questionário deve ser objetivo, limitado em extensão e estar acompanhado de instruções. As instruções devem esclarecer o propósito de sua aplicação, ressaltar a importância da coloração do informante e facilitar o preenchimento (SILVA; MENEZES, 2001, p.33).

As perguntas do questionário podem ser de duas naturezas: abertas, em queo pesquisador necessita escrever e expor seu ponto de vista, e fechadas, que são de cunho objetivo, viabilizando o maior banco de dados possíveis. Por nossa pesquisa ser de cunho qualitativo, optamos por perguntas abertas, deixando os sujeitos livres para responder expondo suas respectivas opiniões.

Por fim, utilizamos a entrevista, pois é nesse momento que, como afirmam André e Lüdke (1986), se cria a relação de interação entre o pesquisador e o pesquisado, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde.

Análise e Discussão dos Resultados

A pesquisa foi realizada em um hospital localizado na cidade de Parnaíba-PI, que será intitulado com o nome fictício Hospital Viver. A escolha por este hospital se deu pelo fato de ser um dos mais antigos

da cidade, sendo fundado em 22 de maio de 1991, e também por ter pedagogas que atuam naquele ambiente. Por isso, com o objetivo de coletarmos os dados, fizemos algumas observações das práticas pedagógicas dessas docentes, assim como também realizamos algumas entrevistas. Para tanto, foram destinadas três semanas para as observações com duração de quatro horas diárias. As observações foram realizadas na brinquedoteca e nos leitos do hospital.

Os sujeitos da pesquisa foram duas pedagogas que atuam no Hospital Viver, que serão intituladas com os respectivos nomes fictícios: Ana e Maria. A professora Ana é formada em Pedagogia e Letras-Português, é especialista em Docência do Ensino Superior; Supervisão Escolar e Psicopedagogia. Atualmente concluiu o Doutorado em Educação e trabalha há 4 anos no hospital. A professora Maria é formada em Pedagogia e especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Trabalha no hospital há 2 anos e meio.

A prática docente é extremamente relevante em qualquer espaço de atuação, entretanto, as práticas educativas no espaço hospitalar devem ter como foco proporcionar ao aluno atividades que possibilitem que ele se sinta inserido no ambiente escolar, já que por motivos de saúde não pode estar presente na escola. Nélisse (1997) menciona que a prática educativa é como um “fazer ordenado” voltado para o ato educativo, ou seja, é uma ação eficaz, que exige um momento de planejamento, um momento de interação, um momento de avaliação e, finalmente, a reflexão crítica e o replanejamento dessas ações.

Nesse sentido, questionamos as professoras sobre as práticas que são realizadas com as crianças hospitalizadas e elas responderam o seguinte:

São variadas, podemos citar a prática da brincadeira, da música, da leitura. Aqui na brinquedoteca temos bastantes jogos, muitos livros onde as crianças podem estar manuseando e lendo, se souberem, quando não sabem nós contamos histórias. Deixamos as crianças livres para brincarem e se sentirem felizes, afinal, o grande objetivo dessas práticas no ambiente hospitalar é proporcionar alegria para eles (Professora Ana).

Depende do gosto de cada criança, elas vêm e escolhem o que querem fazer, sempre os intencionando a realizarem as atividades pedagógicas que são atividades com conteúdos das séries deles, embora eles

mesmos “decidem” se querem fazer as tarefas ou, realizar as outras práticas, como o brincar, a prática da leitura, prática da pintura, dentre outras (Professora Maria).

Segundo as respostas das professoras, podemos perceber que são variadas as práticas oferecidas para as crianças internadas, em que se destacaram: brincadeira e leitura. Essas práticas vão contribuir para a melhora da criança, além de proporcionar uma aproximação com sua vida fora do hospital. Por isso, as práticas pedagógicas desenvolvidas dentro do hospital, além de exercerem funções educacionais, também têm o papel importante no desenvolvimento social desses pacientes. As professoras também relataram que o papel das atividades é proporcionar aos alunos hospitalizados uma melhor interação social, além disso, possibilitar a alegria deles nos momentos das atividades, que vão estimulando suas aptidões e também colaboram em seu quadro clínico.

Nas observações foram notadas que as atividades mais realizadas com as crianças foram: pinturas, contação de histórias e brincadeiras, por preferência delas mesmas. Mas também eram realizadas atividades de escrita, vídeos e músicas. Nas atividades com vídeos, a pedagoga Maria levava seu próprio notebook, caso alguma criança não se interessasse pelas outras atividades apresentadas. Segundo as pedagogas, os resultados são sempre compensadores, uma vez que as crianças reagem bem frente às atividades que lhes são ofertadas, assim como os pais e/ou acompanhantes. É comum, inclusive, pais e filhos brincarem juntos. As professoras consideram que a realização das atividades recreativas favorece bastante a recuperação da criança, até mesmo na aceitabilidade do tratamento, pois a criança fica mais alegre e encara o ambiente do hospital, não tão agradável, de outra maneira, aliviando sua ansiedade, medos e traumas.

Durante o processo de observação, vimos que a professora Maria realizava atividades pedagógicas com os pacientes que estavam em seus leitos. A professora Ana também atuava na parte administrativa, organizando e elaborando documentos para a solicitação de materiais necessários para o bom funcionamento de suas atividades no hospital, que eram realizadas tanto na brinquedoteca quanto nos leitos.

Sabe-se que a formação continuada é um fator relevante para o saber pedagógico, que precisa ser contínuo. E é na busca de qualificação que o pedagogo vai fazer toda diferença na sua ação no ambiente hospi-

tar. De acordo com o Ministério da Educação (2002), esses profissionais devem ter formação nos cursos de pedagogia ou licenciaturas, e formação pedagógica preferencialmente em educação especial, cursos sobre noções de doenças e condições psicossociais e suas características decorrentes. Ao indagarmos as pedagogas sobre a oferta de algum tipo de suporte para os profissionais se capacitarem, e elas responderam que:

O hospital não oferece capacitações, por isso, cabe a cada um se interessar para ir em busca de melhorias para a sua atuação. É neste momento que observamos o compromisso e a dedicação de quem está atuando. É muito importante estar se qualificando para a realização de um bom desempenho principalmente neste espaço que requer muita competência profissional (Professora Ana).

Não oferece capacitação, infelizmente em nossa cidade essas formações não acontecem com frequência, essas capacitações muitas vezes ocorrem em outros estados, dificultando assim a participação. É muito importante a capacitação por que melhora o desempenho, por isso o profissional deve ir em busca de cursos, por conta própria (Professora Maria).

O educador bem capacitado desenvolve sua função com propriedade, sendo capaz ainda de identificar fatores internos e externos, que estão, de certa forma, atrofiando o desenvolvimento cognitivo dessas crianças. De acordo com Matos e Mugiatti (2011), para a ação pedagógica no espaço hospitalar é importante que surja um novo perfil do educador, nesse caso com uma visão mais sistemática da realidade hospitalar e escolar do paciente infantil. Logo, o desafio do professor não é resgatar a escolaridade do paciente infantil e sim de transformar essas duas realidades, para que haja uma aproximação e integração entre elas.

Ainda segundo Mattos e Mugiatti (2011), para que se possa interagir no ambiente hospitalar de maneira transdisciplinar, é necessário que se tenha uma compreensão mais abrangente, para fluir o entendimento da realidade. Por isso, é importante que o pedagogo hospitalar participe de formações continuadas, que envolvam o trabalho em diferentes situações, como por exemplo, cursos voltados para a área da atuação do pedagogo hospitalar para que construam novas propostas criativas de atendimentos das crianças e adolescentes hospitalizados. Este é um fator fundamental para o preparo docente e para a prática

da escolarização hospitalar, visando atender sempre da melhor maneira possível a todas as crianças e adolescentes.

O importante é que esses pacientes recebam o máximo empenho com atendimentos de qualidades nesse momento da sua vida, da qual depende seu futuro como pessoa e cidadão. Todas estas perspectivas servem como reflexão acerca da prática do pedagogo, das possibilidades de refletir sobre suas metodologias e novas propostas de realizar os atendimentos. Segundo Cunha (1989), o professor necessita estudar, pois é o seu reconhecimento sobre determinado assunto que o fará ser capacitado para sua intervenção, favorecendo seu bom desempenho. Assim, o papel do professor no ambiente hospitalar é colaborar como agente educador para a não exclusão dos pacientes enfermos.

É certo que o planejamento é uma tarefa fundamental para a realização de todo e qualquer trabalho e, quando se tem como objetivo alcançar bons resultados, é uma rotina que se repete dia a dia, requer dos profissionais da educação ética profissional compromisso e responsabilidade com seu trabalho, no entanto, “[...] o planejamento não é um ditador, mas é algo altamente democrático e desencadeador de inovações; por isso, é um processo que evolui, que avança e não permanece estático” (MENEGOLLA; SANT’ANNA, 2009, p. 29).

É essencial destacar que o planejamento deve ser flexível, diante da individualidade de cada criança e seus limites, suas necessidades, de modo que quando for executado possa ser aceito e desenvolvido de acordo com o seu público-alvo, no caso as crianças. É importante destacar que a flexibilidade é uma característica de fundamental importância nos planejamentos de ensino, de maneira que possa ser adaptado às situações que não foram previstas.

Diante disso, foi indagada a seguinte questão: Como se dá o planejamento das atividades desenvolvidas com as crianças internadas, diante das suas diferenças de idades?

O planejamento é feito diariamente, muitas vezes após o fechamento da brinquedoteca, da seguinte forma, primeiro identificamos a criança internada com a ajuda dos enfermeiros ou pediatras nos repassando o prontuário dessas crianças e a partir desse primeiro contato, iremos estudar os conteúdos possíveis para a idade do paciente de acordo com sua série, posteriormente desenvolver as atividades, escolher os recursos possíveis, já que as crianças nesse

momento têm algumas limitações, e as atividades são desenvolvidas de acordo com a capacidade de cada criança, no planejamento buscamos primeiramente nos informar sobre as crianças que estão internadas, para que as atividades sejam aceitáveis a elas, procuramos elaborar um planejamento flexível, pois as crianças têm idades diferentes, e a qualquer momento recebemos mais crianças (Professora Ana).

Elaboro as atividades respeitando as limitações de cada criança, por isso as atividades são direcionadas as necessidades dessas crianças. É feito um planejamento de maneira flexível, por que toda hora têm criança nova, aqui eles não só brincam, mas dão continuidade as atividades escolares (Professora Maria).

De acordo com Menegolla e Sant'anna (2009), o planejamento em suas diversas dimensões, é uma exigência humana, requer habilidade para prever uma ação que se realizará posteriormente. Por isso, exige-se uma previsão dos meios e recursos utilizados para que na sua execução sejam alcançados os objetivos desejados. Assim, é fundamental que cada educador se sinta desafiado a repensar o tempo pedagógico, refletindo sua práxis, analisando o que ensinou para os educandos e se a relação de conteúdos, capacidades e habilidades são, de fato, essenciais naquele momento. Os docentes devem considerar que esta clientela apresenta características singulares das etapas de desenvolvimento. O bom educador só consegue desenvolver um trabalho com novos horizontes quando conhece sua clientela, suas necessidades e anseios. Assim, ele poderá identificar os pontos que precisam ser trabalhados e as dificuldades que afetam esta realidade.

Ao analisar as respostas das professoras, notamos em suas falas a importância de um planejamento flexível, isso por conta da diversidade das crianças atendidas. Na maioria das vezes, pudemos perceber que as crianças são atendidas ao mesmo tempo, embora cada uma tenha sua individualidade e esse planejamento deve atender a todos, considerando os limites e a capacidade no desenvolvimento cognitivo de cada paciente nas atividades propostas. Nesta mesma linha, as professoras unem novamente suas respostas quando destacam que as atividades planejadas devem dar continuidade aos estudos das crianças, de modo que haja um aprendizado contínuo, proveitoso e não interrompido e sempre de cunho pedagógico, para que não se torne um simples passatempo, respeitando conteúdos, as datas comemorativas do ano entre outros.

Através da observação, pudemos perceber que a professora Maria realizou diversas atividades de cunho pedagógico, dentre elas: pinturas, exercícios de português, coordenação motora, visomotora e noções lógicas com as crianças hospitalizadas. Em outro dia, presenciamos também atividades com massinha de modelar, em que a professora coloca dois copos com água e bolas de massa de modelar em diferentes tamanhos. Essa atividade, segundo a Professora Maria, tem como objetivo identificar se a criança tem noções de tamanho. Qual das bolas é maior? Em qual copo a água subiu mais?

As educadoras da classe hospitalar mostram-se sempre preocupadas com as dificuldades de seus alunos, tentando adequá-los o mais próximo possível dos conteúdos e do ambiente escolar em que estavam inseridos. Para uma melhor atuação pedagógica, faz-se uma avaliação diagnóstica dos seus alunos logo no início de sua internação, o que vai nortear suas ações no desenvolver das atividades em seu plano de aula. As atividades realizadas durante os atendimentos são planejadas e seguem um roteiro de objetivos por sessão, tendo como base o período de internação de cada aluno-paciente.

Considerações Finais

A educação torna-se cada vez mais importante na vida de todas as pessoas. Diante disso, percebemos a grande necessidade de desenvolver ações educativas nos mais diversos espaços, pois o ato de ensinar não se faz apenas no interior das escolas. O hospital é mais um ambiente onde a educação pode e deve acontecer, espaço onde o pedagogo vai atuar como colaborador, desenvolvendo um trabalho educativo para a continuação da escolaridade de crianças e adolescentes que precisam fazer algum tratamento de saúde e para isso se afastam das suas escolas. O pedagogo hospitalar faz com que, em meio a uma rotina de remédios e tratamentos desagradáveis, esses pacientes não se sintam abandonados e excluídos da sociedade, pois muitos deles passam longos períodos de internação.

O objetivo dos atendimentos pedagógicos no hospital é estimular a capacidade de aprendizagem, trabalhar os laços afetivos das crianças e adolescentes internados, sua interação com o outro e desenvolvimento de processos de ensino e aprendizagem. Neste espaço tão delicado de atuação, faz-se necessário que o educador esteja em constante prepara-

ção, buscando sempre se qualificar para que seja capacitado para atuar de forma produtiva diante das diferenças entre o espaço escolar e o espaço hospitalar. Cabe ainda ao educador conhecer novas formas de ensinar, que devem ser elaboradas com objetivos lúdicos e pedagógicos para chamar atenção das crianças, procurando sempre elaborar atividades específicas para cada aluno, já que nesse espaço estão diversos alunos com idades, séries, interesses e ritmos de aprendizagem diferentes.

Neste estudo, deparamo-nos com pedagogas que atuam da melhor maneira possível, desenvolvendo seu trabalho com muita dedicação e profissionalismo, sempre com o objetivo de proporcionar o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem com alegria aos pacientes infantis e adolescentes, aproximando-os do mundo que ficou do lado de fora do hospital. Embora com algumas dificuldades, o que vimos foram educadoras que trocam suas experiências diárias e constroem novos sonhos juntamente com os pacientes envolvidos nesses atendimentos. Procuram sempre transmitir de maneira alegre e pedagógica conhecimentos essenciais à vida, trazendo um pouco de colorido para a vida desses pacientes tão especiais nesses momentos difíceis.

Assim, os resultados desta pesquisa revelam que as práticas pedagógicas desenvolvidas pelas pedagogas ultrapassam os muros da escola e contribuem na educação de crianças e jovens hospitalizados, colaborando com a autoestima dessas crianças e possibilitando que elas retornem aos estudos de uma maneira diferenciada, estimuladas para a aprendizagem.

Esperamos que esta pesquisa contribua de forma positiva, possibilitando que diferentes educadores reflitam sobre a prática pedagógica, principalmente da presente área em estudo. Considerando que esse campo é muito importante e necessita de profissionais capacitados e dispostos a trabalhar para fazer a diferença na vida dos alunos, analisar as práticas pedagógicas desenvolvidas no ambiente hospitalar é de extrema necessidade para o progresso das ações lá realizadas.

Portanto, é essencial que a prática pedagógica hospitalar se afirme cada vez mais como um processo que contribui para a construção de cidadãos, que se sintam verdadeiramente capazes de se inserir no meio social, sem pressão ou outro tipo de frustração, tendo seus direitos de educação e saúde garantidos, de fato, e saber da importância do pedagogo no ambiente hospitalar e das contribuições que este profissional é capaz de exercer nessa função tão digna de respeito.

Referências

ANDRÉ, M. E. D. A.; LUDKE, M. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

BRASIL. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Resolução nº 41, de 13 Outubro de 1995. Dispõe sobre os Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados. **Diário Oficial da União**, Brasília, 17 out. 1995.

_____. Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar**: estratégias e orientações. Secretaria de Educação Especial. Brasília: MEC/SEESP, 2002.

_____. Congresso Nacional. Lei Ordinária nº 11.104, de 21 de março de 2005. Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação. **Diário Oficial da União**, Brasília, 22 mar. 2005. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/03/Ato2004-2006/2005/Lei/LI1104.htm>>. Acesso em: 14 abr. 2013.

CAIADO, Kátia R.M. O Trabalho pedagógico no ambiente hospitalar: um espaço em construção. In: RIBEIRO, Maria Luisa Sprovieri; BAUMEL, Roseli Cecília Rocha de Carvalho (orgs.). **Educação Especial**: do querer ao fazer. São Paulo: Avercamp, 2003.

COVIC, Amália Neide; OLIVEIRA, Fabiana Aparecida de Melo. **O aluno gravemente enfermo**. (Coleção educação e saúde; v. 2). São Paulo: Cortez, 2011.

CUNHA, Nylse Helena Silva. **Brinquedoteca**: um mergulho no brincar. 3. ed. São Paulo: Vetor, 2001.

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. 21. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas.

Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando educação e saúde. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MENEGOLLA, Maximiliano; SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que planejar?: como planejar?:** currículo, área, aula. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MICHALISZYN, Mário Sérgio; TOMASINI, Ricardo. **Pesquisa:** orientações e normas para a elaboração de projetos, monografias e artigos científicos. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

NÉLISSE, Claude. L'intervention: catégorie floue et coconstruction de l'objet. In : NÉLISSE, Claude (1997) (dir.) **L'intervention: les savoirs en action.** Sherbrooke, Edjtions GGC, 1997.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Eстера Muszkat. **Metodologia da pesquisa e Elaboração de Dissertação.** 3. ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino à Distância da UFSC, 2001.

VIEGAS, Drauzio. **Brinquedoteca hospitalar:** isto é humanização. 2. ed. Rio de Janeiro: Walk, 2008.

Recebido em março/2017

Aceito em setembro /2017